

INSPIRAÇÃO FREIRIANA SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO EM LIBRAS

FREIRIAN INSPIRATION ON PHYSICAL EDUCATION PEDAGOGICAL PRACTICES: THE PROPOSAL OF A GLOSSARY IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

Ingrid Lourenço de Amorim Corrêa³⁵

Maíra Soares Henriques³⁶

Tathianna Prado Dawes³⁷

Ludmila Veiga Faria Franco³⁸

Resumo

Olhar os alunos com suas especificidades e identidades é desafiador para os professores, mas pensar em uma educação inspirada por Freire nos faz ver além das diferenças. A presente pesquisa, fruto de um trabalho de conclusão do curso de educação física da Universidade Federal Fluminense, objetivou discutir a importância da produção de glossários em Libras dentro do contexto da educação física escolar, abarcar conceitos da surdez, Libras e educação de surdos como proposta de aprendizagem pelas diferenças e compreender a inclusão na educação física escolar através da relação dos alunos surdos com os professores ouvintes. Foi realizada uma coleta de sinais sobre esportes e posterior catalogação dos resultados, possibilitando a expectativa de criação de um glossário sobre esportes com bola.

³⁵ Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal Fluminense (UFF) e integrante dos Projetos de Extensão Libras, Linguística e Divulgação (LILINDIV) e Produzindo Materiais Bilíngues para Promoção da Saúde das Pessoas Surdas. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos do Bilinguismo: LIBRAS e Língua Portuguesa para o surdo (EBILPS). E-mail: ingridamorim@id.uff.br Telefone: (21) 98015-6029 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4313-0783>.

³⁶ Graduada no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e Graduanda no Curso de Bacharel em Ciências Biológicas, ambos na Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do Projeto de Extensão Libras, Linguística e Divulgação (LILINDIV). Membro do Grupo de Pesquisa Estudos do Bilinguismo: LIBRAS e Língua Portuguesa para o surdo (EBILPS). E-mail: masoares@id.uff.br Telefone: (21) 99820-3421 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8161-0094>.

³⁷ Doutoranda em Estudos de Linguagem na Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Pedagogia no Centro Universitário Plínio Leite (UNIPLI). Professora Assistente de Libras na Universidade Federal Fluminense (UFF), Coordenadora do Programa de Extensão Libras, Linguística e Divulgação (LILINDIV). Líder do Grupo de Pesquisa Estudos do Bilinguismo: LIBRAS e Língua Portuguesa para o surdo (EBILPS). E-mail: tathiannadawes@id.uff.br Telefone: (21) 99753-1717 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5573-8139>.

³⁸ Doutoranda em Ciências e Biotecnologia na Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Direito pela Universidade do Rio Grande (UNIGRANRIO). Professora Assistente de Libras na Universidade Federal Fluminense (UFF), Coordenadora do Projeto Produzindo Materiais Bilíngues para Promoção da Saúde das Pessoas Surdas. E-mail: ludmilaveiga@id.uff.br Telefone: (21) 99136-6005 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2596-4730>.

Palavras-chaves: Glossário. Surdez. Educação Física Escolar. Inclusão. Libras.

Abstract

Looking at students with their specificities and identities is challenging for teachers but thinking of an education inspired by Freire makes us see beyond the differences. This research, the result of a final paper in the physical education course at Universidade Federal Fluminense, aimed to discuss the importance of the production of glossaries in Libras within the context of school physical education; encompass deafness, Libras and deaf education concepts as a proposal of learning throughout the differences; and comprehend the inclusion in school physical education through the relationship of deaf students with hearing teachers. A collection of signs on sports and subsequent cataloging of the results were held, making possible the expectation of creating a glossary on sports with balls.

Keys words: Glossary. Deafness. School physical education. Inclusion. Brazilian Sign Language.

Introdução

Este trabalho é fruto de uma pesquisa iniciada nos projetos de Extensão Libras, Linguística e Divulgação (LILINDIV)³⁹ e Produzindo Materiais Bilíngues para Promoção da Saúde das Pessoas Surdas⁴⁰, ambos aprovados pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e pertencentes à Universidade Federal Fluminense. Do envolvimento nos projetos, originou-se o trabalho de conclusão de curso que possui o foco na criação de um glossário em Língua Brasileira de Sinais (Libras) relacionado aos esportes que se utilizam de bolas.

Buscamos refletir sobre uma educação física escolar através do olhar Freiriano, acreditando na necessidade de um ensino que exige a criticidade e a mudança da curiosidade ingênua desses alunos surdos para a curiosidade epistemológica (FREIRE, 2021). Acreditamos nas potencialidades da educação física na

³⁹ O projeto LILINDIV desenvolve seus trabalhos desde o ano de 2017 e possui o intuito de divulgar e produzir materiais com os sinais coletados nas diferentes áreas do conhecimento, contribuindo para a difusão da Língua Brasileira de Sinais.

⁴⁰ O projeto Produzindo Materiais Bilíngues para Promoção da Saúde das Pessoas Surdas possui o objetivo de criar materiais bilíngues (Libras/português). São utilizados vídeos e materiais produzidos, traduzidos e interpretados em Libras com o foco de promover e divulgar direitos e informações sobre saúde de forma acessível para o público surdo.

desconstrução e reconstrução dessas curiosidades, desfazendo e refazendo discursos e ações que afetam as diversidades presentes na sociedade.

De acordo com Soares *et al.* (1992), entre as quatro primeiras décadas do século XX, a educação física foi marcada por fortes influências das Instituições Militares. Possuía o foco na disciplina e no desenvolvimento da aptidão física pautada na repetição mecânica de movimentos, impondo aos alunos o respeito e a conformidade à hierarquia social, correspondendo então “à execução do projeto de sociedade idealizado pela ditadura do Estado Novo” (SOARES *et al.*, 1992, p. 36). Tendo vista essa perspectiva, concordamos com Soares *et al.* (1992) ao pensar que as aulas de educação física escolar devem abranger:

[...] a compreensão das relações de interdependência que jogo, esporte, ginástica e dança, ou outros temas que venham a compor um programa de Educação Física, têm com os grandes problemas sócio-políticos atuais [...]. A reflexão sobre esses problemas é necessária se existe a pretensão de possibilitar ao aluno da escola pública entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social. Isso quer dizer que cabe à escola promover a apreensão da prática social. Portanto, os conteúdos devem ser buscados dentro dela (SOARES *et al.*, 1992, p. 42).

Soares *et al.* (1992), ao pensar que a organização dos conteúdos na educação física deve estar em concordância com o objetivo de promover a leitura da realidade dos alunos, “isso quer dizer que o aluno atribui um sentido próprio às atividades que o professor lhe propõe” (p. 41), dialoga com Freire (2013, p. 35), visto que o autor enfatiza que os estudantes necessitam desenvolver “em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele”.

Freire (2013) evidencia que, quando se coloca o foco unicamente no educador como sujeito central do processo educativo, acaba-se tratando os educandos como recipientes vazios a serem preenchidos, sendo meros “depósitos”. Surge, a partir disso, a concepção de educação “bancária”, na qual os alunos recebem informações e as arquivam. O autor explicita que através dessa “distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber” (FREIRE, 2013, p. 34). É almejada uma educação problematizadora, em que ocorre diálogo entre educador e educando,

na qual ambos “se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem” (FREIRE, 2013, p. 39). Freire destaca ainda que os educandos, “em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também” (2013, p. 40). Para ele, essa concepção se compromete com a libertação, se apoiando no diálogo como desvelador da realidade.

Atualmente, ainda é perceptível a existência de algumas barreiras, em determinados casos, na atuação da educação física como mediadora na mudança das curiosidades ingênua e epistemológica citadas por Freire (2021). Uma dessas situações ocorre na educação de surdos, na qual existe uma barreira linguística entre os envolvidos (PUPIM *et al.*, 2016) e, por vezes, prevalece a ideia de que o surdo deve copiar mecanicamente o que é visto em aula, tratando-se, portanto, de uma mera repetição de movimentos (ALVES e PINTO, 2016). Acreditamos que tal prática se aproxima muito da concepção de educação “bancária” proposta por Freire (2013), o que deve ser contestado. No presente trabalho, a produção do glossário visa contribuir para a educação de surdos reconhecendo tais barreiras linguísticas encontradas por esses sujeitos nas aulas de educação física escolar. Logo, encaramos ser urgente a necessidade de proporcionar um ambiente inclusivo, dispondo de materiais pedagógicos que possam contribuir para um ensino que se utiliza da Libras no contexto das aulas de educação física.

Antes de aprofundarmos as discussões sobre os alunos surdos na educação física escolar, de acordo com a perspectiva Freiriana, e a proposta de criação do glossário, iremos abordar alguns conceitos importantes quando se trata dos estudos no campo da Libras, surdez e educação de surdos.

Alguns conceitos importantes relacionados à surdez e à LIBRAS

A surdez, por vezes, acaba sendo definida levando em consideração unicamente a visão adotada pela área da saúde e, tradicionalmente, também, pela área educacional, na qual os diferentes graus de surdez – leve, moderada, severa e

profunda – são avaliados em decibéis. Existem materiais fornecidos pelo Ministério da Educação (MEC) que traçam um limiar para a designação de um indivíduo como surdo, considerando apenas aqueles com surdez severa ou profunda, enquanto os indivíduos com surdez leve ou moderada são considerados deficientes auditivos (DA) (LIMA *et al.*, 2006).

Todavia, segundo Garcia , os sentidos de “surdez” e de “surdo” não são equivalentes, visto que “o primeiro é dado médico, criação clínica [...], o segundo, identidade de um povo” (2015, p. 81). Existe, portanto, a importância da manifestação cultural na conceituação de uma pessoa como surda, como destacado até mesmo pelo Decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005), que, em seu art. 2º, salienta o uso da Libras como forma de interação com o mundo.

Corroborando tal pensamento e em contradição à perspectiva estritamente médica, Cardoso e Francisco (2017, p. 109) acreditam que “ao falar em surdez e pessoa surda, entendemos a surdez a partir de sua marca enquanto diferença e não enquanto deficiência, que necessita ser corrigida”. Lopes (2007) sugere a compreensão da diferença surda como uma diferença cultural, o que demarca uma questão de luta para a comunidade surda. De acordo com Garcia (2015):

Surdo, no Brasil e em pleno século XXI, é um dos possíveis fundamentos para agrupamentos sistêmicos cujo objetivo político parece ser sustentar a visibilidade de determinada comunidade formada por pessoas que compartilham entre si uma mesma língua: Libras. [...] Surdo é enunciado como indicativo de povo que se agrupa em função de similaridades coletivizadas: comportamento, necessidades, linguagem, espaços e lugares próprios e especializados para sua permanência momentânea ou para sua circulação (GARCIA, 2015, p. 67).

É necessário reforçar que a Libras é de fato uma língua, reconhecida oficialmente através da Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002). Mesmo sendo um sistema linguístico de natureza visual-motora, a Libras possui sua estrutura gramatical própria e é capaz de transmitir ideias e fatos como qualquer outra língua. Quadros e Stumpf (2019) evidenciam que existem diferentes perfis de pessoas que utilizam a Libras, podendo ser surdos filhos de pais surdos, surdos filhos de pais ouvintes, ouvintes filhos

de pais surdos (CODAs, *Children of Deaf Adults*) e até mesmo ouvintes que aprendem a Libras e se desenvolvem de modo fluente. De qualquer forma, considerando os diferentes modos de contato com a língua, é inegável que a Libras desempenha um papel fundamental para a comunidade surda brasileira.

No que diz respeito à educação, sabe-se que ela é assegurada a todos os cidadãos brasileiros, conforme estabelecido pela Lei nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996). Entretanto, a trajetória dos surdos foi marcada por muitas adversidades desde a Antiguidade, com a privação de direitos essenciais e, séculos depois, no campo da educação, com a imposição do oralismo como base teórico-prática empregada para a educação de surdos⁴¹, cujo principal fundamento era a proibição do uso da língua de sinais e a imposição da língua falada. Dessa forma, “o oralismo e a supressão da língua de sinais acarretaram uma deterioração marcante no aproveitamento educacional das crianças surdas e na instrução dos surdos em geral” (SACKS, 2010, p. 21).

O oralismo esteve em vigência até a década de 1970, quando surge a proposta da comunicação total que, segundo Honora e Frizanco (2009), se apoiava em todas as formas de comunicação possíveis para efetivação da educação, o que incluía língua de sinais, língua oral, escrita e qualquer tipo de gestos e mímica para transmitir determinada mensagem. Goldfeld relata que, “a partir da década de 1970, em alguns países como Suécia e Inglaterra percebeu-se que a língua de sinais deveria ser utilizada independentemente da língua oral” (1997, p. 32). Assim, na década de 1980 o bilinguismo surge como proposta para a educação de surdos e vai ganhando mais adeptos mundialmente ao longo da década seguinte.

O bilinguismo é a metodologia utilizada ainda nos dias de hoje e entende o surdo como sujeito bilíngue – utilizando a língua de sinais como sua língua materna (L1) e a língua oral oficial de seu país, através da escrita, como segunda língua (L2). No Brasil, para assegurar o direito à educação de crianças surdas, foi necessária a implementação de diversas políticas de inclusão.

Além da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, e da já mencionada Lei nº 10.436/2002 e Decreto nº 5.626/2005 – que instituiu a inclusão da Libras como

⁴¹ O oralismo saiu como método vitorioso na votação que ocorreu em 1880, no Congresso Internacional de Educação de Surdos, realizado em Milão.

disciplina curricular obrigatória em todos os cursos de Licenciatura e Pedagogia, além de tornar obrigatória a presença de intérpretes para o atendimento de alunos surdos – é importante destacar a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI, Lei nº 13.146/2015). Esta lei implementada em 2015, além de reforçar propostas já previstas em outros dispositivos legais, concebe inovações importantes no campo da educação, como a afirmação de a obrigatoriedade da inclusão escolar de pessoas com deficiência não ser restrita às escolas públicas, mas também aplicadas às instituições privadas de ensino.

O aluno surdo na educação física escolar: um olhar acerca das corporeidades que emergem das diferenças nos cotidianos escolares

A educação física apresenta uma relação com a exclusão e marginalização dos corpos que não cumprem um modelo de aptidão física e habilidades motoras. Oliveira (1994) afirma que esses corpos são formados (ou deformados) para exibir um caráter acrítico e dependente perante as relações de poder existentes na sociedade, acarretando, segundo Soares *et al.* (1992), a utilização da educação para adaptar e adestrar o indivíduo nessa sociedade, alienando-o da sua condição de sujeito.

Levando em consideração esse passado, concordamos com Alves *et al.* (2013, p. 196) ao defenderem a educação física escolar “desvinculada dos aspectos de rendimento esportivo, técnica pela técnica, exclusão dos menos habilidosos e qualquer outra prática excludente”. Quando pensamos sobre o esporte na educação física escolar, defendemo-lo para além dos movimentos técnicos, dessa forma, dialogando com Ginciene (2016) ao afirmar que não é que a técnica não deva ser ensinada ou seja menos relevante, apenas não compartilhamos da ideia da aprendizagem por aspectos técnicos com movimentos repetidos e mecânicos, descontextualizados e focados apenas no desenvolvimento da habilidade motora.

Apesar de Freire (1989), em sua obra *A importância do ato de ler*⁴², discorrer sobre o contexto da alfabetização dos indivíduos, acreditamos que tal discussão se aplica à educação física escolar e dialogamos com o trecho o qual afirma que os alunos não precisam “memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda” (FREIRE, 1989, p. 12). Pensando no contexto da educação física escolar, acreditamos nas suas potencialidades e compartilhamos de uma visão oposta a movimentos mecânicos e descontextualizados, em que é preciso:

[...] compreender que não é possível pensar no corpo separado do sujeito que o habita, portanto, para nós tratarmos do ‘corpo sujeito’, [...] Pensamos o corpo como diversas formas de ser e estar no mundo. É a materialidade corpórea, biológica, imbricada por histórias que são singulares e plurais, inscritas por experiências e vivências individuais e coletivas, com as quais nos constituímos sujeitos do mundo, sempre a partir das múltiplas redes de relações nas quais circulamos em nossas vidas cotidianas na sociedade (CUPOLILLO e COPOLILLO⁴³, 2011 *apud* SANETO e COPOLILLO, 2020, p. 136).

A escola é um espaço habitado por indivíduos plurais, devendo incorporar em seu currículo práticas pedagógicas que atendam à diversidade existente. Porém, mesmo que a escola tenha sido afetada por políticas públicas de inclusão, ainda ocorre nela a rejeição e a exclusão do considerado “diferente” na perspectiva da normalidade e da anormalidade. Quando olhamos para a relação dos alunos surdos com os espaços escolares, percebemos que são submetidos a uma padronização de adequação aos moldes ouvintistas, em que tudo o “que diverge deste padrão deve ser corrigido, normalizado” (GESSER, 2009, p. 67).

Perlin (2016) menciona as representações hegemônicas e dominantes ouvintistas, quando se trata da surdez, resultando em relações de poder que

⁴² A obra *A importância do ato de ler* aborda a necessidade da leitura de mundo e o contexto no qual os alunos estão inseridos para a sua alfabetização. Defende ir além de apenas organizar letras e sons, pois deve levar em consideração a experiência do educando no processo e não do educador.

⁴³ CUPOLILLO, Amparo; COPOLILLO, Martha. Sentir, pensar e olhar: Múltiplos significados para os *corpssujeitos*. In: **XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. 2011. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/view/2909/1398>. Acesso em: 03 de setembro de 2021.

influenciam nas mais diversas esferas da vida dos surdos, como na sua língua, educação, identidades e cultura.

Destacamos a educação física detentora de potencialidades na formação de sujeitos emancipados capaz de desfazer e romper com modelos hegemônicos, “tecendo outras redes de conhecimentos para se questionar como esses modelos foram se constituindo, criamos caminhos para desnaturalizar preconceitos e estereótipos que foram sendo naturalizados ao longo da história” (SANETO e COPOLILLO, 2020, p. 137).

Quando refletimos sobre a surdez, concordamos com Gesser (2009) ao mencionar o fato de a surdez ser encarada como um problema apenas para os ouvintes que possuem um olhar estritamente fisiológico, o que é complementado por Pires e Santos (2020, p. 22) ao dizerem que a surdez é vista nesses casos “como uma deficiência que deveria ser curada e recuperada” (PIRES e SANTOS, 2020, p. 22).

Entretanto, apesar dos esforços para inclusão dos surdos e das já mencionadas conquistas legais adquiridas, Pires e Santos (2020) mostram que por mais que haja um Decreto dispendo sobre a garantia de uma escolarização efetiva aos alunos surdos à medida que a barreira comunicacional existente com os docentes fosse diminuída, na prática tais entraves são mantidos, já que os professores não adquirem um conhecimento satisfatório de Libras.

Mesmo com a introdução da Língua Brasileira de Sinais no currículo de formação dos professores, esta inserção não garante o domínio na língua por parte dos docentes e não permite uma relação autônoma entre os professores ouvintes e alunos surdos, necessitando-se da presença dos tradutores e intérpretes da língua de sinais (TILS) nas aulas. Não podemos considerar a presença dos intérpretes como uma solução, pois “muitas vezes, são obrigados a interpretar conteúdos que não são de seu domínio” (PIRES e SANTOS, 2020, p. 70), resultando em conteúdos repassados com uma certa defasagem por não serem mediados pelo próprio docente.

Especificamente nas aulas de educação física escolar, o cenário consegue ser pior. Pupim *et al.* (2016) mencionam que, devido ao fato de a educação física realizar suas aulas em um espaço diferenciado, na maioria das vezes fora da sala de aula,

utilizando-se da quadra ou pátios, a relação entre alunos surdos e TILS fica deslocada neste contexto, no qual os TILS são dispensados pelo professor de educação física por acreditar não ser necessária a presença deles. Ocorre a presunção, por parte do docente, de que ele poderá se comunicar com o aluno surdo através de gestos ou que esse estudante poderá simplesmente imitá-lo nos movimentos durante a aula (PUPIM *et al.*, 2016).

Independentemente de ser necessária a ajuda do educador ou a presença dos TILS durante o processo de ensino, concordamos com Freire (1981) ao mencionar que a ajuda do educador não deve anular a responsabilidade e a criatividade dos alunos na construção de seus saberes. Em vista disso, torna-se alarmante a existência de aulas de educação física focadas apenas na reprodução dos movimentos. Freire (2021) indaga a necessidade de se estabelecer uma relação entre os componentes curriculares com os saberes que os alunos vivenciam enquanto indivíduos permeados por experiências sociais. Logo, existe a importância de contextualizar os saberes com as vivências e experiências individuais de cada um, incluindo suas particularidades e sua identidade.

Acreditamos ser preocupante a crença de que o surdo pode se comunicar através de pantomímica ou de que, “quando um professor de educação física propuser um exercício, ele vai executar de forma a repetir aquele exercício” (ALVES e PINTO, 2016, p. 9), copiando os movimentos do professor. Reiteramos a nossa visão de uma educação física escolar para além dos movimentos, pois acreditamos em uma educação física potencializadora de múltiplas corporeidades:

[...] para além do corpo, fazendo com que os alunos desenvolvam um caráter de criticidade sobre as diversas áreas. Esse é um dos propósitos do ensino de Educação Física, desmistificando, inclusive a ideia de outrora que reforça e que simboliza essa disciplina única e exclusivamente como aquela que tem como foco principal ver e desenvolver o corpo, sem qualquer criticidade e reflexão do mundo em que está inserido (ALVES e PINTO, 2016, p. 10).

Defendemos que ensinar exige também o reconhecimento da identidade cultural desses indivíduos e que é “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos” (FREIRE, 2021, p. 42). Complementamos essa ideia com o pensamento de Saneto e Copolillo que

afirmam que o “corpo que tangencia os cotidianos escolares é o corpo do mundo, vivo e potente” (2020, p. 137).

Barboza (2015) aponta que, mesmo que as aulas de educação física escolar sejam mais visuais em relação às outras disciplinas, não podemos confundir e considerar adaptações ineficientes como inclusão. Concordamos com Candau e Moreira (2008) ao mencionarem que é inconcebível realizar uma prática pedagógica desculturalizada e descontextualizada da realidade desses alunos. São necessárias aulas que contemplem também para os alunos surdos uma "leitura" da "leitura" anterior do mundo (FREIRE, 1989, p. 13) que eles possuem. Além disso, o autor menciona que não significa uma ruptura com a "leitura" do mundo menos crítica que possuíam antes, mas sim uma leitura mais crítica que possibilita a esses grupos uma posição “fatalista em face das injustiças, uma compreensão diferente de sua indignação” (FREIRE, 1989, p. 14).

Deste modo, concordamos com Freire (2021) ao mencionar que ensinar exige criticidade, portanto, é necessário transformar a curiosidade ingênua relacionada aos saberes do senso comum e aproximá-la cada vez mais da curiosidade epistemológica. Sendo assim, os educandos vão “desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo” (FREIRE, 2013, p. 41). No intuito de contribuir para uma educação física escolar que rompa com a ideia de aulas focadas unicamente na demonstração visual e repetição dos movimentos, defendemos uma interação direta entre alunos e docentes através da Língua Brasileira de Sinais. Surge, então, a construção de um glossário em Libras na área de esportes objetivando auxiliar na acessibilidade dos alunos surdos, dispendo-se a construir um material que possa contribuir tanto na formação desses alunos e dos docentes envolvidos no processo como também para os TILS, docentes em formação e ouvintes sinalizantes.

O motivo da escolha de um glossário em esportes

A escolha da produção de um glossário do campo do esporte surge devido à história da relação do surdo com os esportes, cujos primeiros movimentos surgiram na França, por meio dos Banquetes dos Surdos-Mudos⁴⁴, que estimularam o surgimento do *Club Cycliste des Sourds-Muets* em 1899, posteriormente, influenciando na criação de outras associações de esportes surdos pelo mundo (BENVENUTO e SÉGUILLON, 2016). Compreendemos a influência dos esportes na construção e no fortalecimento das relações sociais na comunidade surda, oportunizando por intermédio das associações de surdos um espaço para troca de conhecimentos e vivências por meio da sua língua própria: a Língua Brasileira de Sinais. Essas associações de surdos “tornaram-se importantes pontos de articulação política e de prática esportiva” (FRANCO, 2019, p. 54). Portanto, podemos concordar com Dorziat ao apontar que:

Esse espaço político tem sua materialidade, para os Surdos, nas Associações de Surdos, que se constituem em iniciativas enriquecedoras, pois permitem o convívio e a liderança das pessoas historicamente excluídas do direito à voz. Sem esses espaços de luta, a promoção e preservação de uma sociedade que respeite as diferentes manifestações culturais ficam comprometidas (DORZIAT, 2009, p. 25).

Sá (2010) evidencia que a formação das associações foi importante para transmitir e preservar a cultura surda, devido às tentativas de isolá-la da sociedade. Além de influenciar na cultura surda, o esporte também auxiliou na divulgação e visibilidade da Libras e na consolidação das identidades surdas. Ressaltamos que quando mencionamos identidades surdas, acreditamos serem elas plurais, dinâmicas, complexas e que se interseccionam (HIRATA, 2014), permeadas por múltiplas opressões.

Tendo em vista os aspectos mencionados, a elaboração do glossário surge também da necessidade da utilização de termos específicos nas diversas áreas do

⁴⁴ Os Banquetes dos Surdos-Mudos existiam com a justificativa de homenagear o abade Charles-Michel de l'Épée (1712-1789), conhecido como “Pai dos surdos” por ser um importante educador na história destes indivíduos. Os Banquetes eram uma forma resistência à imposição da oralização e à proibição do uso do uso das línguas de sinais estabelecidas pelo Congresso de Milão (1880).

conhecimento. Malacarne e Oliveira (2018) mencionam que devido ao fato de os glossários utilizarem-se de vídeos e ao seu fácil acesso no compartilhamento na internet, eles ajudam a difundir e a tornar os sinais mais acessíveis entre a comunidade surda, os profissionais da área e entre ouvintes sinalizantes, promovendo a ampliação do vocabulário e dos termos técnico-científico.

Logo, “o glossário é utilizado como elucidário para termos técnicos ou cujos sentidos são pouco conhecidos dentro da comunidade Surda” (OLIVEIRA e STUMPF, 2013, p. 221), tornando-se cada vez mais necessária a produção de glossários devido à crescente entrada de alunos surdos nos espaços educacionais. Surgindo-se então a necessidade de:

[...] exigir a implementação de projetos e programas de ensino e divulgação da Libras, produção e distribuição de material didático adequado, além de formação e capacitação de profissionais para trabalhar com esses alunos, cenário que propicia, além de grande expansão lexical, o início de uma fase de intenso movimento de dicionarização da Língua Brasileira de Sinais (MANDELBLATT e FAVORITO, 2018, p. 160).

Apesar do aumento da produção de materiais como glossários, Grativol aponta que existem “muitos sinais que circulam na comunidade surda que não se encontram registrados em glossários e dicionários de grande circulação e/ou de instituições formais” (2019, p. 93). Oliveira e Stumpf (2013) mencionam ainda o fato de a Libras ser uma língua, como qualquer outra, em constante mudança, levando à necessidade da representação dos termos mais técnicos.

Portanto, a formação do glossário em esportes surgiu no intuito de uma coleta aprofundada e um agrupamento de sinais na modalidade esportiva do *rugby* e do polo aquático, porém, concordando com o que foi dito por Grativol (2019) sobre a carência de divulgação de termos mais específicos, a etapa de coleta, descrita detalhadamente no tópico a seguir, nos despertou para a necessidade de ampliação do tema do glossário para que contemplasse um maior número de modalidades esportivas, optando-se pela construção de um glossário de esportes que se utilizam de bolas.

A coleta dos sinais

O presente trabalho se tratou de uma pesquisa de carácter quantitativo, que buscou sinais em Libras relacionados aos esportes, realizada mediante o levantamento em bibliografias impressas e digitais. Foram catalogados, de maneira geral, todos os sinais no campo de conhecimento do esporte e separados por modalidades. Foram inseridos e catalogados não apenas sinais referentes aos nomes de modalidades esportivas, mas também sinais relacionados aos fundamentos, regras e materiais específicos utilizados em cada uma delas.

A coleta dos sinais foi realizada, no período de setembro de 2020 até abril de 2021, com pesquisas nos sites de busca *Google Acadêmico* e portal Periódicos CAPES, escolhidos por serem plataformas muito abrangentes em seus resultados exibidos, além de permitirem a delimitação da pesquisa por idiomas, o que facilitaria o encontro de publicações brasileiras. Nos portais, foi feito o uso combinado dos descritores Libras e esportes, glossários esportes Libras, manúário esportes Libras e sinalários esportes Libras.

A partir da triagem dos resultados apresentados, foram encontrados os seguintes materiais digitais: Glossário Esporte da e-Aulas USP⁴⁵, Manúário Técnico em Libras Sinalário para a Modalidade Handebol nas Aulas de Educação Física⁴⁶ e Glossário de Educação Física Libras–Português⁴⁷. É importante destacar que o Glossário Esporte da e-Aulas USP foi encontrado diretamente a partir das buscas descritas, enquanto os demais foram redirecionamentos do encontro das respectivas dissertações de mestrado que lhes deram origem.

Além disso, foi feito o uso de materiais adicionais já conhecidos pelas equipes dos projetos de extensão que deram origem a este trabalho, tratando-se tanto de

⁴⁵ Glossário esportes e-Aulas USP: [Libras EaD - Glossário - Esporte](#).

⁴⁶ O manúário pode ser consultado em: [Manúário Técnico em Libras Sinalário para a Modalidade Handebol nas Aulas de Educação Física](#). Ele é fruto de uma dissertação de mestrado que pode ser consultada: [Gestão do manual técnico em Libras: Sinalário para a modalidade handebol nas aulas de educação física](#).

⁴⁷ O glossário pode ser acessado através do *link*: [Glossário de Educação Física Libras–Português](#). Ele é resultado de uma pesquisa de mestrado que pode ser acessado em: [O ensino da educação física com as mãos: Libras, bilinguismo e inclusão](#).

fontes digitais quanto impressas. Foram eles: TV INES⁴⁸, Manuário acadêmico e escolar do Instituto Nacional de Educação de Surdos⁴⁹, Surdolimpíadas Sinalário⁵⁰, Canal do *YouTube* da professora de educação física surda Hellen Silva⁵¹, Glossário Natação em Libras⁵², Glossário SurdeSports⁵³, Sinalário Disciplinar em Libras (Sinalário PR)⁵⁴, Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira (volume 2)⁵⁵, Livro Ilustrado da Língua Brasileira de sinais (volume 1)⁵⁶ e Livro Ilustrado da Língua Brasileira de sinais (volume 2)⁵⁷.

Resultados e discussões

Conforme já foi relatado anteriormente, inicialmente foram inseridos todos os sinais relacionados às modalidades esportivas encontradas, sendo organizadas a fim de podermos ter uma visão das modalidades que surgiram e a quantidade de sinais em cada uma delas. Da coleta inicial, encontramos os seguintes resultados:

⁴⁸ Os sinais coletados na TV INES podem ser consultados em: [TV INES - Acessível sempre](#).

⁴⁹ Os sinais coletados no Manuário do Instituto Nacional de Educação de Surdos podem ser consultados em: [Manuário acadêmico e escolar do INES](#).

⁵⁰ Surdolimpíadas Sinalário pode ser consultado em: [Sinalário Surdolimpíadas](#). O sinalário foi realizado através da HQ Surdolimpíadas - encontros linguísticos, disponível em: [Surdolimpíadas - encontros linguísticos](#).

⁵¹ O canal da Hellen Silva foi utilizado como uma fonte de coleta de sinais devido ao fato de ela ser professora de educação física e surda. Seu canal pode ser consultado em: [Hellen Silva](#).

⁵² O glossário natação em Libras pode ser consultado através do *link*: [Glossário Natação em Libras](#). Ele é resultado de uma pesquisa de mestrado em Diversidade e Inclusão de Erick Rommel Hipólito Souza, que pode ser acessada em: [A natação e suas provas: glossário em Libras](#).

⁵³ O Glossário SurdeSports pode ser acessado através do *link*: [Glossário de Esportes olímpicos em Língua de Sinais](#). A dissertação de mestrado que deu origem ao trabalho pode ser acessada em: [A educação física, os esportes e a Língua de Sinais Brasileira \(LIBRAS-LSB\): desenvolvimento do glossário SurdeSports para acessibilidade e inclusão da comunidade surda](#).

⁵⁴ O sinalário Disciplinar em Libras foi produzido pela Secretaria de Educação do Governo do Estado do Paraná e pode ser acessado em: [Sinalário PR](#).

⁵⁵ Volume 2 da Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O mundo do surdo em Libras, dos autores Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael (2004).

⁵⁶ Volume 1 do Livro ilustrado da língua brasileira de sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez das autoras Márcia Honora e Mary Lopes Esteves Frizanco (2009).

⁵⁷ Volume 2 do Livro ilustrado da língua brasileira de sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez das autoras Márcia Honora e Mary Lopes Esteves Frizanco (2010).

Quadro 1: Número total de fontes digitais e impressas encontradas e quantidade de sinais. (continua)

FONTES	SINAIS ENCONTRADOS	QUANTIDADE DE SINAIS
Sinalário PR	Esporte, basquete, beisebol, futsal, golfe, bola de golfe, taco de golfe, buraco de golfe, 2 turmas (6 de cada lado), vôlei, arremesso, saque, quadra, rede suspensa, futebol, campo de futebol, atletismo, caixa de areia, corrida, estádio, salto, salto em distância, salto com vara, sarrafo, barra, corrida, salto distância, boxe, luva de boxe, protetor bucal, capoeira, berimbau, ciclismo, capacete, luva para ciclista, esgrima, florete, máscara de esgrima, hipismo, lutas, <i>surf</i> , xadrez, natação.	43 sinais
Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais (vol. 1)	Basquete, futsal, golfe, handebol, vôlei, tênis, tênis de mesa, boliche, futebol, gol, corrida de obstáculos, corrida, boxe, canoagem, ciclismo, judô, patins, <i>surf</i> , xadrez, natação.	20 sinais
Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais (vol. 2)	Pênalti, estádio de futebol, falta, goleiro, jogador de futebol, ginástica rítmica, jogos Pan-americanos, campeonatos, olimpíadas, jogador, juiz, atletismo, expulso do jogo, Copa do Mundo.	14 sinais
Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira (vol. 2)	Esporte, basquete, beisebol, bola de beisebol, luva de beisebol, taco de beisebol, futsal, golfe, handebol, arremesso, vôlei, vôlei de praia, tênis, tênis de mesa, boliche, futebol, campo de futebol, estádio de futebol, gol, goleiro, campeonatos, Olimpíadas, árbitro de esportes, juiz, capitão, esportista, arco e flecha, arqueiro, dardo, arremesso de peso, corrida, salto, corrida de obstáculos, boxe, remo, capoeira, ciclismo, bicicleta, ciclista, esgrima, esgrimista, tempo (pedir tempo em jogos esportivos), hipismo, hóquei no gelo, judô, judoca, <i>karatê</i> , lutas, paraquedismo, paraquedas, patinação, <i>surf</i> , xadrez, natação, mergulho, nadador, piscina.	57 sinais
Manuário INES	Atacante, árbitro, atletismo, <i>badminton</i> , basquete 1, basquete 2, basquete 3x3, bicampeão, boxe, canoagem <i>slalom</i> , canoagem velocidade, capoeira, ciclismo <i>BMX</i> corrida, ciclismo <i>BMX freestyle</i> , escalada, esgrima, esportes, fórmula 1, futebol, futebol americano, futsal, ginástica artística, ginástica de trampolim, ginástica rítmica, gol, goleiro, golfe, halterofilismo, handebol 1, handebol 2, hipismo 1, hipismo 2, hóquei na grama, judô, <i>karatê</i> , luta, meio de campo, nado artístico, natação, polo aquático, remo, <i>rugby</i> , saltos ornamentais, <i>skate</i> , <i>surf</i> , <i>taekwondo</i> , tênis, tênis de mesa 1, tênis de mesa 2, tiro, tiro com arco, triatlo, tri campeão, vela, vestiário, vôlei, vôlei de praia.	57 sinais
TV INES	Esporte, esporte coletivo, basquete, basquete em cadeira de rodas, golfe, handebol, vôlei, vôlei de praia, vôlei sentado, tênis, tênis em cadeira de roda, <i>rugby</i> , <i>rugby</i> em cadeira de rodas, polo aquático, tênis de mesa, <i>goalball</i> , futebol, futebol de 7, futebol de 5, gol, ginástica rítmica, Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), Surdolimpíadas, Olimpíadas, Paralimpíadas, árbitro de esportes, tiro com arco, atletismo, corrida, salto, corredor, velocidade, resistência, corrida de São Silvestre, meia maratona, <i>badminton</i> , boxe, canoagem, canoagem <i>slalom</i> , canoagem de velocidade, capoeira, berimbau, atabaque, pandeiro, capoeirista, abadá, cordel, ginga, roda, meia lua, esquivar, ciclismo, ciclismo de pista, ciclismo de estrada, ciclismo <i>mountain bike</i> , ciclismo <i>BMX</i> , esgrima, esgrima em cadeira de rodas, ginástica artística, hipismo, hóquei sobre a grama, halterofilismo, judô, luta greco-romana, nado sincronizado, pentatlo, saltos ornamentais, remo, <i>taekwondo</i> , triatlo, vela, tiro desportivo, natação, maratona aquática.	74 sinais
Glossário SurdeSportes	Basquete, golfe, handebol, vôlei, vôlei de praia, tênis, <i>rugby</i> , polo aquático, tênis de mesa, futebol, ginástica rítmica, tiro com arco, <i>badminton</i> , boxe, canoagem, ciclismo, esgrima, hipismo, hóquei no gelo, halterofilismo, judô, lutas, nado sincronizado, pentatlo, saltos ornamentais, remo, <i>taekwondo</i> , triatlo, vela, tiro desportivo, natação.	31 sinais
Glossário de Educação Física Libras-Português	Esporte individual, esporte tradicional, ginástica rítmica, ginástica artística, técnicas esportivas.	5 sinais
e-Aulas USP	Esporte, tênis de mesa, futebol, jogador de futebol, árbitro de esportes, atleta, equipe, atletismo, judô, natação, piscina.	11 sinais

Quadro 1: Número total de fontes digitais e impressas encontradas e quantidade de sinais. (conclusão)

FONTES	SINAIS ENCONTRADOS	QUANTIDADE DE SINAIS
Glossário de Natação em Libras	Prova de 25m, prova de 50m, nado livre 50m, nado livre 100m, nado livre 200m, nado livre 400m, nado livre 800m, nado livre 1500m, nado de costas 50m, nado de costas 100m, nado de costas 200m, nado de peito 50m, nado de peito 100m, nado de peito 200m, nado de borboleta 50m, nado de borboleta 100m, nado de borboleta 200m, <i>medley</i> individual 100m, <i>medley</i> individual 200m, <i>medley</i> individual 400m, livre 4x50m, livre 4x100m, livre 4x200m, <i>medley</i> 4x50m, <i>medley</i> 4x100m, misto 4x50m livre, misto 4x100m livre, misto 4x50 <i>medley</i> , misto 4x100m <i>medley</i> , pernada livre/ <i>crawl</i> , pernada borboleta, pernada peito, pernada costas, braçada livre com boia, braçada peito com boia, braçada borboleta com boia, braçada costas com boia, braçada prancha, exercício de respiração, largada, largada de costas e de <i>medley</i> , virada 1, virada 2, toque de parede, toque de parede com duas mãos, queimar a largada 1, queimar a largada 2, cronômetro, árbitro de partida, tiro de largada, touca e óculos de natação, óculos de natação, sunga, maiô, livre/ <i>crawl</i> , peito, borboleta, costas, revezamento.	59 sinais
Sinalário Surdolimpíadas	Futsal, handebol, vôlei, vôlei de praia, polo aquático, tênis de mesa, boliche, futebol, Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), Surdolimpíadas, Comitê Internacional de Desporto para Surdos (ICSD), <i>badminton</i> , ciclismo, corrida de orientação, bússola, localização, longitude, mapa, mata ciliar, orientação, percurso permanente, ponto de controle, topografia, <i>curling</i> , esqui alpino, esqui <i>cross country</i> , ginástica artística, hóquei no gelo, judô, <i>karatê</i> , lutas, saltos ornamentais, <i>sandboard</i> , <i>taekwondo</i> , tiro desportivo, xadrez, natação.	37 sinais
Canal Prof. Hellen	Esporte, basquete, beisebol, futebol americano, futsal, golfe, handebol, drible handebol, arremesso com apoio, arremesso com suspensão, vôlei, vôlei de praia, tênis, tênis de mesa, <i>rugby</i> , polo aquático, frescobol, futevôlei, biribol, tênis de mesa, boliche, futebol, escanteio, impedimento, ginástica rítmica, Olimpíadas, Paralimpíadas, tiro com arco, artes marciais, atletismo, corrida de obstáculos, corrida com revezamento, corrida meio fundo, corrida fundo, corrida pista, corrida maratona, salto triplo, salto altura, salto altura com vara, salto distância, lançamento com martelo, lançamento com disco, lançamento de peso, lançamentos, <i>badminton</i> , boxe, capoeira, ciclismo, <i>crossfit</i> , esgrima, ginástica artística, hipismo, hóquei no gelo, halterofilismo, <i>jiu-jitsu</i> , judô, <i>karatê</i> , <i>kung-fu</i> , lutas, nado sincronizado, patinação, saltos ornamentais, remo, <i>surf</i> , <i>taekwondo</i> , triatlo, xadrez, natação, natação revezamento, natação maratona, natação <i>medley</i> , natação <i>crawl</i> , natação costas, natação peito, natação borboleta.	75 sinais
Manual Técnico em Libras Sinalário para a Modalidade Handebol nas Aulas de Educação Física	Passe pronado, passe lateral, passe de ombro, passe de peito, passe picado, arremesso com apoio, arremesso sem apoio, arremesso, recepção, recepção alta, drible, finta, ala ou ponta esquerda, ala ou ponta direita, meia esquerda, meia direita, armador central, pivô, goleiro, bola h1, bola h2, bola h3, tiro de 7 metros, tiro livre (9m), tiro de meta, tiro lateral, gol, sobrepasso (andada) ou + de 3 segundos, dois dribles ou drible ilegal, 2 minutos, advertência, invasão de área, falta de ataque, segurar/empurrar, tempo, tiro livre, linha de 6m, linha de 7m, linha de 9m.	39 sinais
TOTAL DE SINAIS: 522 sinais		

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Ao observarmos e selecionarmos as modalidades esportivas que possuem relação com bolas, encontramos as seguintes modalidades: vôlei, vôlei de praia, basquete, beisebol, tênis, *rugby*, biribol, frescobol, handebol, polo aquático, futevôlei, futebol americano, tênis de mesa, golfe, *rugby*, ginástica rítmica, futsal, *goalball*, boliche. Encontramos também modalidades adaptadas de alguns esportes citados: futebol de cinco, futebol de sete, *rugby* em cadeira de rodas, vôlei sentado e tênis em

cadeira de rodas. Filtrando os sinais relacionados somente às modalidades que se utilizam de bolas, encontramos a seguinte quantidade de sinais:

Quadro 2: Quantidade de sinais encontrados para esportes com bolas das obras digitais e impressas.

FONTES	QUANTIDADE DE SINAIS RELACIONADOS A ESPORTES COM BOLA ENCONTRADOS
Sinalário PR	14 sinais
Livro Ilustrado da Língua Brasileira de sinais (vol. 1)	10 sinais
Livro Ilustrado da Língua Brasileira de sinais (vol. 2)	6 sinais
Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira (vol. 2)	19 sinais
Manuário INES	23 sinais
TV INES	23 sinais
Glossário SurdeSportes	11 sinais
Canal Prof. Hellen	24 sinais
e-Aulas USP	3 sinais
Sinalário Surdolimpíadas	8 sinais
Glossário de Educação Física Libras-Português	1 sinal
Manual Técnico em Libras Sinalário para a Modalidade Handebol nas Aulas de Educação Física	39 sinais
TOTAL DE SINAIS: 181 sinais	

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Ao categorizarmos os sinais encontrados, nos deparamos com 19 modalidades esportivas, sendo elas: basquete, futebol americano, beisebol, futsal, golfe, handebol, vôlei, vôlei de praia, tênis, *rugby*, polo aquático, frescobol, futevôlei, biribol, tênis de mesa, boliche, *goalball*, futebol e ginástica rítmica.

Analisando os sinais das modalidades isoladamente nos materiais que as citam, o canal da professora Hellen Silva se destaca como a fonte que apresenta uma maior variedade, contendo 18 modalidades dentre as 19 analisadas. Temos o Manuário INES mencionando 13 modalidades, e 11 modalidades presentes na TV INES, na Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira (volume 2) e no Glossário SurdeSportes. Contendo 9 modalidades, temos Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais (volume 1), e, no Sinalário Surdolimpíadas, encontramos 8 menções às modalidades. No

Sinalário PR, temos 5 modalidades e, no glossário e-Aulas USP, obtemos 2 modalidades. O resultado aponta apenas uma modalidade citada no Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais (volume 2), no Glossário de Educação Física Libras-Português e no Manuário técnico em LIBRAS.

Ao examinarmos os sinais próprios das modalidades, além do manuário específico sobre handebol, são encontrados pouquíssimos sinais específicos para outras modalidades. Apenas o futebol, vôlei e golfe possuem sinais mais característicos, porém em pequena quantidade. O único material que, além de conter os sinais das modalidades, apresenta os espaços e materiais que se dispõem nas modalidades é o Sinalário PR.

Concordamos que “observa-se a falta de sinais para o ensino de Educação Física, para oferecer acessibilidade comunicacional às aulas e aos grandes eventos esportivos” (BARBOZA, 2015, p. 31), tornando a situação preocupante. Afinal, a Língua Brasileira de Sinais “marca a identidade da comunidade surda, determina a compreensão de mundo, possibilita a constituição de identidade e também traz à tona alguns aspectos culturais que são peculiares a esse grupo” (SANTOS e DAROQUE, 2019, p. 247).

O estudo evidencia uma urgente necessidade do aprofundamento e produção de materiais com termos específicos em Libras para área do esporte. A proposta, ainda em andamento, da produção do glossário surgiu da finalidade de estruturar e construir um material que pudesse auxiliar na comunicação e compreensão dos alunos surdos e professores da educação física escolar, contribuindo, então, para uma melhora na prática pedagógica e no processo de ensino-aprendizagem desses sujeitos.

Julgamos que esses materiais podem contribuir para a diminuição da barreira linguística existente entre os alunos surdos e professores nas aulas de educação física, permitindo que os sujeitos surdos sejam respeitados em suas diferenças a partir do conhecimento de sua língua. Freire (2021, p. 118) destaca que “aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar”. Para o autor:

Se a estrutura do meu pensamento é a única certa, irrepreensível, não posso escutar quem pensa e elabora seu discurso de outra maneira que não a minha. Nem tampouco escuto quem fala ou

escreve fora dos padrões da gramática dominante. E como estar aberto às formas de ser, de pensar, de valorar, consideradas por nós demasiado estranhas e exóticas, de outra cultura? Vemos como o respeito às diferenças e obviamente aos diferentes exige de nós a humildade que nos adverte dos riscos de ultrapassagem dos limites além dos quais a nossa autovalia necessária vira arrogância e desrespeito aos demais (FREIRE, 2021, p. 118).

Considerando o objetivo de coletar os sinais mais específicos das modalidades contendo suas regras, fundamentos e materiais utilizados para a sua realização, o baixo número de sinais que contemplam as suas especificidades torna, infelizmente, desafiador a produção do glossário em esportes.

Considerações finais

O trabalho procurou abarcar conceitos importantes quando se trata de Libras e surdez. Buscou-se refletir sobre a relação do aluno surdo e o espaço escolar a partir de uma inspiração da pedagogia freireana nas aulas de educação física. Foram tecidas discussões sobre a relação dos alunos surdos com professores que não possuem um domínio de Libras e sobre como esse processo perpetua a existência de uma educação física escolar pautada apenas na reprodução dos movimentos e afastada dos saberes que os alunos surdos possuem enquanto indivíduos imersos em experiências sociais.

Apesar dos problemas apontados, a proposta em andamento da produção do glossário surgiu no intuito de colaborar na prática pedagógica dos professores de educação física com indivíduos surdos para, de fato, auxiliar na mediação da transformação das curiosidades ingênuas em curiosidades epistemológicas, conceitos trazidos por Freire em seu livro *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, e no rompimento de uma educação “bancária”, conceituada por Freire em *Pedagogia do oprimido*, em que os alunos são vistos como recipientes vazios para deposição de informações.

Acreditamos em uma educação física escolar potencializadora de múltiplas corporeidades e, quando se trata dos alunos surdos, acreditamos que eles são

atravessados por muitos estigmas, entretanto, são dotados de potencialidades e emancipação para a construção de novos paradigmas.

Apesar de escolhermos modalidades que se utilizam de bolas, os resultados apontam desafios para produção de um glossário com termos específicos para cada modalidade encontrada. Evidenciou-se que, mesmo com a crescente produção de materiais como glossários, torna-se necessário o aprofundamento nos estudos de glossários em esportes e a produção de materiais contendo sinais específicos para as modalidades esportivas.

A expectativa do trabalho é produzir um glossário digital com os sinais encontrados da coleta realizada, com a intenção de disponibilizá-lo *online* e gratuitamente através da plataforma Libras Acadêmica da Universidade Federal Fluminense devido ao seu fácil acesso, contribuindo para a difusão da Língua Brasileira de Sinais.

Referências

- ALVES, Lyna Katia Cavalcante; PINTO, Francisco Ricardo Miranda. O surdo e a prática de atividades físicas mediado por um educador físico. **Afluente**, UFMA/Campus III, v.1, n.3, p. 98-115, out./dez., 2016. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluente/issue/view/369>. Acesso em: 21 de abril de 2021.
- ALVES, Tássia *et al.* Inclusão de alunos com surdez na educação física escolar. **Rev. Eletrônica de Educação**, São Paulo, v.7, n.3, p. 192-204, 2013. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/790>. Acesso em: 20 de abril de 2021.
- BARBOZA, Clévia Fernanda Sies. **A educação física, os esportes e a Língua de Sinais (LIBRAS, LSB)**: Desenvolvimento do glossário SurdeSportes para acessibilidade e inclusão da comunidade Surda. 2015. 80 p. Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão) - Instituto de Biologia, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://cmpdi.uff.br/2015-2/>. Acesso em: 24 de agosto de 2021.
- BENVENUTO, Andrea; SEGUILLON, Didier. Des premiers banquets des sourds-muets à l'avènement du sport silencieux 1834-1924: pour une histoire politique des mobilisations collectives des sourds. Tradução de Maria Luizete Sobral Carliez. **Revista Moara**, Pará, n.45, p. 60-78, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/issue/view/234>. Acesso em: 19 de maio de 2021.

BRASIL. Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**. Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 1 de maio de 2021.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

BRASIL. Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

BRASIL. Lei nº. 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flávio. **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

CARDOSO, Arina Costa Martins; FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes. Surdez, diferença e artefatos culturais: Pensando a produção da pedagogia visual. In: SÁ, Tatiane. Militão; FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes. (Org.). **Professores de Libras: Encontros**. 1. ed. Rio de Janeiro, 2017, p. 102-132.

DORZIAT, Ana. **O outro da educação: Pensando a Surdez com base nos temas Identidade/Diferença, Currículo e Inclusão**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

FRANCO, Marco Aurélio Rocha. **Surdolimpíadas (Deaflympics): Histórias e memórias dos esportes surdos no Brasil (1993-2017)**. 2019. 112 p. Tese (Doutorado em Ciências do Desenvolvimento Humano) - Escola de Fisioterapia, Educação Física e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 68. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido [recurso eletrônico]**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. São Paulo: Autores Associados & Cortez Editora, 1989.

GARCIA, Eduardo de Campos. Os surdos e a surdez: Contradições sobre o conceito - de que lado está a educação? **Revista Forum**, v. 32, p. 65-83, 2015.

GESSER, Audrei. **Libras?: Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GINCIENE, Guy. **A história do esporte, os valores e as tecnologias da informação e comunicação no ensino do atletismo.** 2016. 237 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) - Instituto de Biociências do Campus Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016.

GOLDFELD, Marcia. **A Criança surda.** 2. ed. São Paulo: Plexus, 1997.

GRATIVOL, Michele da Silva Ferreira. **O ambiente de educação superior e a Libras Acadêmica:** Produção de glossário Acadêmico bilíngue (português/Libras). 2019. 136 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Instituto de Biologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://librasacademica.uff.br/wp-content/uploads/sites/219/2021/03/Michele-Ferreira_Pos-Defesa_Dissertacao_FIM.pdf. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, São Paulo, ano 2014, v. 26, ed. 1, p. 62, junho, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979>. Acesso em: 19 de julho de 2021.

HONORA, Márcia.; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais:** Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. v. 1, 1°. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

LIMA, Daisy Maria Collet de Araújo *et al.* **Saberes e práticas da inclusão: Dificuldades de comunicação e sinalização — Surdez.** 4. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 89 p.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 104 p.

MANDELBLATT, Janete; FAVORITO, Wilma. A expansão e o registro do léxico terminológico em libras: A contribuição do manúário acadêmico do INES. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 49, p. 155-163, jan/jun., 2018. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/431>. Acesso em: 30 de julho de 2021.

MALACARNE, Vilmar; OLIVEIRA, Verônica Rosemary. A contribuição dos sinalários para a divulgação científica em libras. **Ensino Em Re-vista**, Uberlândia/MG, v.25, n.02, p. 290-294, maio/ag., 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/43270>. Acesso em: 30 de julho de 2021.

OLIVEIRA, Janine Soares; STUMPF, Marianne Rossi. Desenvolvimento de glossário de sinais acadêmicos em ambiente virtual de aprendizagem do curso letras-libras. **Informática na educação: teoria e prática**, Porto Alegre, v.16, n.2, p. 221-226, jul./dez., 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/14351>. Acesso em 31 de julho de 2021.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. **O que é educação física?** 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. Identidades Surdas. *In*: SKLIAR, Carlos. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

PIRES, Edna Misseno; SANTOS, Zilda Misseno Pires. **Educação de surdos**: Educação bilíngue e agora professor?. Curitiba: Editora CRV, 2020.

PUPIM, Nathalia Ligia Giacomelli *et al.* A educação física escolar e os alunos surdos. **Rev. Acta Brasileira do Movimento Humano**, Paraná, v.6, n.2, p.34-53, abril/jun., 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/actabrasileira/article/view/3180>. Acesso em: 21 de abril de 2021.

QUADROS, Ronice Müller; STUMPF, Marianne Rossi. Libras: O que é esta língua? **Roseta**, v.2, n.1, 2019. Disponível em: <http://www.roseta.org.br/2019/02/21/libras-o-que-e-esta-lingua/>. Acesso em: 24 de agosto de 2021.

SÁ, Nídia Regina Limeira. **Cultura, poder e educação de surdos**. 2°. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução: Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010. 216 p.

SANETO, Juliana Guimarães. COPOLILLO, Martha. Pensando em redes: corpos, culturas e diversidades. *In*: SILVA, Maria Cecília de Paula; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (org.). **Ciências do Esporte, Educação Física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE: Corpo e Cultura**. Natal: EDUFRN, 2020, p. 130-141. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/item/corpo-e-cultura---ciencias-do-esporte--educacao-fisica-e-producao-do-conhecimento-em-40-anos-de-cbce>. Acesso em: 03 de setembro de 2021.

SANTOS, Lara Ferreira; DAROQUE, Samantha Camargo. Libras no contexto socioeconômico-cultural. *In*: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa; SANTOS, Lara Ferreira; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. **Libras Aspectos Fundamentais**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2019. p. 233-247.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

Data do envio: 07/09/2021

Data do aceite: 08/12/2021